



IGREJA *Viva*

ENTREVISTA

**“A NOSSA REACÇÃO
FOI ESCLARECER AS
PESSOAS”**

MONSENHOR SILVA ARAÚJO
ANTIGO DIRECTOR DO DIÁRIO DO MINHO

P. 04-05

ENTREVISTA

“PROCURAMOS MOTIVAR AS PESSOAS PARA A PARTICIPAÇÃO NA COMUNIDADE”

JOÃO PEDRO QUESADO (TEXTO E FOTOS)

DIRECTOR DO DIÁRIO DO MINHO DE 1970 ATÉ 1997, O MONSENHOR SILVA ARAÚJO ESTAVA NUMA DAS LINHAS DA FRENTE DA IGREJA QUANDO A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS PÔS FIM AO ESTADO NOVO. AO IGREJA VIVA CONTOU COMO FORAM OS TEMPOS DEPOIS DO 25 DE ABRIL DE 1974 E COMO É QUE A IGREJA OS VIVEU.

[Igreja Viva] Como foi o dia 25 de Abril de 1974 para a Igreja?

[Mons. Silva Araújo] No princípio, o dia 25 de Abril foi um dia normal. Ninguém contava com aquilo. Quer dizer, na Igreja em princípio não se contava com aquilo, foi um dia normal, como outro qualquer, depois é que a Igreja começou a reflectir sobre as exigências que aquilo trazia. Uma das exigências, por exemplo, para mim, foi deixar de dar aulas. Eu dava aulas na Escola André Soares e o senhor arcebispo da altura disse-me para me dedicar ao jornal e deixar as aulas, porque o jornal iria passar a exigir mais de mim. A consequência foi essa.

[Igreja Viva] Lembra-se de quando se apercebeu que estava a acontecer uma revolução?

[Mons. Silva Araújo] Ora bem, eu na altura dava aulas. Antes do 25 de Abril houve a Revolta das Caldas. Nessa noite eu estava com um grupo de rapazes no Centro Apostólico do Sameiro e quem ficou a substituir no jornal foi o D. Antonino, hoje bispo de Portalegre. Ele telefonou-me para lá a dar a notícia da Revolta das Caldas. No dia 25 de Abril

o jornal funcionava na Avenida Central e eu fechei o jornal e vim-me embora pelas 3h da manhã, que era a hora normal, e vim para a Rua de Santa Margarida, para o Seminário Conciliar, onde dormia. E não me apercebi de nada, fui dar aulas como o costume. Na escola perguntaram se eu sabia de alguma coisa. Lá da escola telefonei para a Agência Noticiosa de Informação e aí disseram-me que tinha havido a tal revolução. Nessa altura as aulas pararam e fui para o jornal, mas foi assim que soube da revolução.

[Igreja Viva] Como é que foi o resto do dia?

[Mons. Silva Araújo] O resto do dia foi a trabalhar. Depois criou-se um ambiente de grande indisciplina, indisciplina generalizada, toda a gente queria mandar no jornal. Toda a gente mandava comunicados para o jornal e não havia quem se responsabilizasse, às vezes, por esses comunicados. E depois queriam exigir a publicação de coisas. Muitas vezes o remédio foi dar publicidade a coisas que hoje em dia não passariam pela cabeça, mas era a solução. Que houve alturas em que tive um certo receio, houve.

[Igreja Viva] Notou-se hostilidade das pessoas com a Igreja e o clero nos dias seguintes?

[Mons. Silva Araújo] Eu, pessoalmente, não notei. Agora que houve, sim. Por exemplo, com um colega de Fafe, andaram com ele de noite às voltas, fizeram-lhe judiarias, urinaram-lhe na boca, entre outras coisas. E houve sítios em que realmente perseguiram as pessoas. Houve hostilidade, mas eu pessoalmente nunca senti. Numa altura quiseram suspender o jornal, mandaram esse telegrama num Sábado de manhã, a dizer que o jornal estava suspenso por seis dias. Isto no tempo do primeiro-ministro Vasco Gonçalves. Claro que fui ter com o arcebispo, o D. Francisco, e ele disse-me assim: “Olha, faltava-te esse crisma. Vai ter com o administrador, arranjam um advogado e contestem”. De tal maneira que o nosso advogado na altura foi o Dr. Gama Lobo Xavier, de Guimarães. Passamos o fim-de-semana no escritório dele, a conversar com ele. Na Segunda de manhã ele apresentou no tribunal uns recursos com efeitos suspensivos. Não chegamos a cumprir o castigo e depois fomos absolvidos.

[Igreja Viva] Como é que a Igreja viveu o PREC e, mais especificamente, o Verão Quente de 1975?

[Mons. Silva Araújo] O 25 de Abril foi, digamos assim, o começo da nova fase da vida do país, mas há, a seguir ao 25 de Abril, o 28 de Setembro, quando o general Spínola fez

o apelo à “maioria silenciosa” para que se pronunciasse perante o avanço da esquerda não-democrática. Depois, em 1975, temos o 11 de Março, um golpe falhado depois da nacionalização da banca e dos seguros e, por arrasto, importantes órgãos de comunicação social, assim como vários saneamentos políticos. Depois veio o Verão Quente de 1975. Nesse Verão Quente foi aqui muito importante o 10 de Agosto, quando houve uma grande manifestação frente à Sé, onde D. Francisco fez um discurso memorável, e antes dessa manifestação aqui em Braga tinha havido outra em Aveiro, tudo por causa da ocupação da Rádio Renascença. E depois houve o 25 de Novembro de 1975, e foi aí que as coisas começaram a normalizar-se porque, até ali, a esquerda não democrática – e sublinho isto – tinha tomado conta do país. Não há dúvida nenhuma.

[Igreja Viva] Como é que o Diário do Minho reagiu a esta nova realidade?

[Mons. Silva Araújo] Perante

a nova situação, uma das coisas que fizemos foi informar as pessoas menos esclarecidas daquilo que se passava. E então procurámos esclarecer as pessoas relativamente à nova situação. Procuramos motivar as pessoas para a participação na vida da comunidade, inclusive para a participação na vida política. Fizemos isto através de artigos de opinião, através da publicação, em pequenas doses, de textos da doutrina social da Igreja, através de textos para conhecer a história e, sobretudo, o programa dos diversos partidos políticos. Procuramos comparar o programa dos partidos políticos com a doutrina social da Igreja e com a Declaração Universal dos Direitos do Homem. Aquilo que fizemos, as posições que tomamos, estão fundamentalmente em dois livros que eu escrevi. Um deles, «Um Capítulo da História do Diário do Minho», e outro, «Memórias de um jornalista». Nós defendemos a instalação de uma democracia do tipo ocidental, porque queriam impôr-nos uma das chamadas democracias popu-





Eu recordo-me, por exemplo, quando foram as primeiras eleições, para a Assembleia Constituinte, dos tiros contra o portão do Paço, aqui na Rua de Santa Margarida – ainda lá estão, naqueles azulejos, as marcas das balas daquela noite.

lares, que não têm nada a ver com a verdadeira democracia. Defendemos a liberdade sindical, que foi uma das grandes guerras que houve naquela altura porque queriam impôr a unidade sindical. Também defendemos o exercício de uma verdadeira liberdade com respeito pelos justos limites. Afirmamos a incompatibilidade entre cristianismo e marxismo. Alertamos para a importância de haver cristãos na política e procuramos sensibilizar as pessoas para a participação nos actos eleitorais. Isto foi, em resumo, aquilo que fizemos naquela altura.

[Igreja Viva] Aquela foi uma altura de atitudes extremadas. Como é que lidaram com isso?

[Mons. Silva Araújo] Denunciamos os excessos cometidos. No 25 de Abril, quem quis tomar conta disto foi aquilo a que eu chamo a esquerda não-democrática. E então levaram a cabo uma quantidade de abusos que eu denunciei na altura. Um desses casos foi quando, no aeroporto de Lisboa, o arcebis-

po de Braga, D. Francisco Maria da Silva, se preparava para embarcar com destino ao Brasil, onde iria participar no Congresso Eucarístico de Manaus. Uma denúncia anónima avisou as autoridades de que o arcebispo se preparava para abandonar o país, supostamente levando com ele uma considerável quantia em dinheiro. Perante estes dados, o arcebispo foi cercado no aeroporto por militares armados e obrigado a despir-se para inspecção. Outros abusos foram as prisões sem culpa formada, por exemplo, os mandatos de captura e prisão assinados em branco, a ocupação das instalações da Rádio Renascença, a destruição à bomba do centro emissor da Buraca da Rádio Renascença em 1975, o cerco ao Patriarcado, o cerco à Assembleia Constituinte, os saneamentos políticos, a partidarização dos meios de comunicação social, o aparecimento de uma nova censura, a pressão sobre jornalistas e jornais – a cada passo processavam os jornalistas com a intenção de os assustar para eles não dizerem o que entendiam dizer – e a destruição de livros, como a Coleção Educativa, que eram livros de formação das pessoas. Procurámos reagir à nossa maneira. E a reacção foi esclarecer as pessoas. E alertar e denunciar abusos. Foi fundamentalmente isto. No jornal, uma das grandes preocupações que eu tinha era evitar que o jornal passasse a ser controlado pela extrema-direita. Porque esse perigo existia. E então fiz por manter aquilo que eu considero um equilíbrio razoável e justo e suponho que consegui. Mas também quiseram responsabilizar a extrema-direita pelos abusos que se cometeram. É verdade que, realmente, a extrema-direita cometeu alguns erros, mas não são nada comparados com os erros cometidos pela esquerda não-democrática. Eu recordo-me, por exemplo, quando foram as primeiras eleições, para a Assembleia Constituinte, dos tiros contra o portão do Paço, aqui na Rua de Santa Margarida – ainda lá estão, naqueles azulejos, as marcas das balas daquela noite. Houve exageros de parte a parte, aceito, mas muito mais exageros da parte da esquerda não-democrática.

[Igreja Viva] Existiu anti-catolicismo na revolução?

[Mons. Silva Araújo] Existiu, claro. Agora, anti-catolicismo generalizado, dá-me a impressão que não. Ninguém se deixou contagiar por isso.

[Igreja Viva] Acha que as políticas religiosas seguidas na Primeira República pesaram nos movimentos revolucionários ao ponto de evitar uma repetição da hostilidade?

[Mons. Silva Araújo] Sim, tenho a impressão que, no 25 de Abril, os republicanos tinham aprendido a lição da Primeira República. Foram mais cuidadosos e houve diálogo entre Igreja e Estado. Foram menos agressivos. Porque na Primeira República a Igreja foi muito atacada.

[Igreja Viva] Existia o estigma de que a Igreja teve culpa na manutenção da ditadura do Estado Novo

[Mons. Silva Araújo] Claro que havia pessoas influentes da Igreja que estavam ligadas ao regime. É um facto a amizade do falecido cardeal Cerejeira com Salazar. Mas essa amizade vem de muito longe, eles foram companheiros em Coimbra. Agora, que a Igreja se impusesse ao Estado, não me parece. Mas sim, havia o tal relacionamento, havia colegas meus que estavam ligados à política. Quiseram acusar a Igreja por ser a responsável pelo estado em que se chegou ao 25 de Abril, mas parece-me que isso é mais exagero que outra coisa. Mas também é preciso ver que uma coisa é o chamado Estado Novo até à Guerra do Ultramar, ou Guerra Colonial, outra coisa é depois. O grande problema, na minha perspectiva, foi a Guerra do Ultramar, foi não ter sabido ler os sinais dos tempos. O mote do «orgulhosamente sós» foi um desastre. Salazar devia ter saído antes e ter reconhecido o direito das pessoas à independência.

[Igreja Viva] Como é que a relação entre o Estado e a Igreja se alterou com o 25 de Abril?

[Mons. Silva Araújo] Cada um procurou estar no seu lugar, não interferir na vida do outro. A Igreja segue o seu caminho e quando entende que deve denunciar, denuncia, isso é um facto. A Igreja exerce aquilo a que se chama a denúncia profética, mas não tem nada que estar contra ninguém. Agora, denuncia erros, que isso é obrigação dela.